

MEMORÁVEIS ENCONTROS COM UM IMORTAL

O Centro Histórico de Salvador é uma região extremamente rica em monumentos históricos que datam do século XVII.

1/4

Seu território abrange o Pelourinho, a praça da Sé, o Terreiro de Jesus, o Largo do São Francisco e o Santo Antônio Além do Carmo, compreendendo o maior conjunto arquitetônico do período colonial preservado na América Latina, com igrejas, museus, centros culturais, lojas de souvenirs, hotéis, restaurantes típicos etc., em meio a diversos casarões e sobrados coloniais.

Sua importância histórica, religiosa, turística, cultural e artística foi decisiva para que a Unesco o declarasse Patrimônio Mundial, em 1985, suscitando, a partir de então, a elaboração de vários projetos de restauração e revitalização, visando preservar a área histórica da cidade.

A partir de 1991 iniciou-se a execução de tais ações, verdadeiramente transfiguradoras, que resultaram em ganho significativo para toda a sociedade.

Concomitantemente, dois fatos contribuíram em muito para o processo de transformação do Centro Histórico de Salvador: a retomada da tradicional benção de São Francisco, e os ensaios e "shows" do afoxé Filhos de Gandhy, do bloco-afro Olodum, e da Levada do Pelô. Tais eventos passaram a atrair grande número de pessoas para o bairro, despertando assim a atenção de diversos segmentos da sociedade, até atingir o apogeu.

Tão forte era o potencial turístico do Centro Histórico de Salvador que o dólar era sua verdadeira moeda circulante. Não por acaso, ali se encontravam algumas casas de câmbio em cujas salas de espera falava-se inglês, francês, espanhol e até mandarim. Sim porque a China já acenava com a real possibilidade de se tornar a maior parceira comercial do Brasil.

Nesse ambiente físico e psicológico situava-se a magnífica Casa das Esmeraldas, a mais charmosa loja de jóias e pedras preciosas da cidade, primorosamente instalada num vistoso sobrado colonial, estilo barroco, de três pavimentos (fig. 2), bem em frente à Igreja do Carmo e ao hoje hotel Pestana Convento do Carmo (fig. 1), de cujo interior desfrutava-se da exuberante vista da Baía de Todos-os-Santos. Seu proprietário era o empresário e minerador Guilhermino Benevides do Rego, ou simplesmente Sr. Guilherme, como era mais conhecido, um gentleman com ares de fidalguia, fluente em três idiomas, profundo conhecedor de pedras preciosas, trabalhador incansável que se alternava entre as tarefas pesadas nas jazidas que possuía em Carnaíba, Pindobaçu e Vitória da Conquista, as elegantes lojas que mantinha em Salvador

e as constantes viagens ao exterior, motivadas pela própria atividade fascinante das pedras preciosas.



FIG. 1



FIG. 2

Toda essa atmosfera glamourosa que circundava a Casa das Esmeraldas levou o intrépido Sr. Guilherme a instituir ali o aprazível Chá das Cinco.

O Chá das Cinco era uma espécie de sarau que se realizava no último pavimento da Casa das Esmeraldas, cujo teto era de tirar o fôlego, eis que constituído do céu iluminado, ladeado pela vista da Baía de Todos-os-Santos. Acontecia sempre na última quinta-feira do mês, a partir das 17 horas, e contava com uma plêiade de convidados do Sr. Guilherme, ligados não só à literatura, mas também às artes plásticas, ao mundo acadêmico, empresarial e político. Dentre outras iguarias, era servido um delicioso chá da casca do abacaxi com canela (razão do nome do evento), acompanhado de finos e saborosos biscoitos caseiros feitos carinhosamente por D. Teté, quituteira famosa de Santo Amaro da Purificação.

Como empresário bem sucedido, o Sr. Guilherme era um dos mais expressivos clientes da nossa modesta banca de advocacia, sendo que tal vínculo profissional terminou evoluindo para uma amizade sólida e reciprocamente desinteressada, bem ao estilo dos anos dourados.

Meu amigo Guilherme não só me convidava como insistia e fazia absoluta questão da minha presença naqueles encontros mensais, regados a chá com biscoito, na afável companhia de ilustres figuras da sociedade. Acredito que o fazia por conta do vínculo fraternal que nos unia.

A edição nº 1 daqueles inesquecíveis saraus realizou-se no início do primeiro lustro da década de 1990, com música ambiental orquestrada e relaxante. Não preciso fazer muito esforço de memória para lembrar que a canção de abertura foi Graças a La Vida, obra-prima da saudosa chilena Violeta Parra, mundialmente conhecida na interpretação magistral da também saudosa argentina Mercedes Sosa.

Nosso anfitrião pregou-nos uma peça: guardou para si e não adiantou que havia convidado um imortal para abrilhantar aquele evento.

Desse modo, de repente, ele próprio e todos os convidados não conseguiam disfarçar a alegria e a emoção que sentiam ante a chegada do renomado e querido escritor Jorge Amado, orgulho de todos nós, tornado “imortal” ao ingressar na Academia Brasileira de Letras, além de ter sido contemplado com o Prêmio Camões.

Com a presença de Jorge Amado a festa atingiu seu clímax. Todos queriam cumprimentá-lo, posar para fotos e desfrutar um pouco daquela energia que ele naturalmente irradiava.

Graças à mediação do amigo Guilherme, consegui privar de alguns momentos de boa interlocução com o meu xarapim importante e famoso, quando aproveitei para lhe revelar minha predileção por Gabriela ..., ao que ele, sabiamente, compreendeu.

Ato contínuo, acomodado numa confortável poltrona de couro grupon junto ao escritor, pude presenciar um breve diálogo entre este e uma influente colunista social ligada a um conceituado jornal, que se dizia sua amiga, com o seguinte conteúdo, se bem me recordo:

- JA: amiga, preciso de um grande favor seu.
- Col: o que você quiser Jorge, estou à sua disposição.
- JA: na próxima semana estarei recebendo um amigo que mora na Europa e vai passar cinco dias aqui; você sabe, na minha idade já não tenho mais disposição para subir e descer ladeiras, visitar igrejas, restaurantes, museus etc., além do que não consigo ser inteligente durante as vinte e quatro horas do dia, como o meu dileto amigo; portanto, gostaria que você o ciceroneasse ...
- Col: infelizmente não posso, Jorge, ando muito atarefada.
- JA: Ok, obrigado!

Observei que Jorge, apesar de desapontado, permaneceu sereno, alegre e cordial, ratificando sua reputação de homem civilizado.

Quis o destino que, decorridos seis meses, voltássemos a nos encontrar os três, em outra edição do Chá das Cinco, todos acomodados no mesmo conjunto de poltronas de couro, onde testemunhei o seguinte diálogo entre o grande escritor e a arrebatada colunista:

- Col: então, Jorge (Amado), como foi a visita daquele seu amigo europeu?
- JA: correu tudo bem!
- Col: como é mesmo o nome dele?
- JA: José Saramago!
- Col: Jorge, não é possível, esse homem é o máximo, um dos maiores escritores do mundo; eu sou apaixonada por ele; daria daria tudo para

ficar alguns minutos na sua companhia; como você não me disse que se tratava de José Saramago?

— JA: você não perguntou o nome!

Sem comentário. Afinal, a alma não possui segredo que o comportamento não revele!

Aquele sarau foi igualmente glamouroso, graças ao esmero do anfitrião e à luminosidade do consagrado escritor e de tantos outros convidados.

Despedi-me ali de Jorge Amado e não mais voltei a vê-lo.

Jorge Freitas
in Prosas & Reflexões, outono/2020.